

Como duas mentes podem conhecer uma mesma coisa (1905)

William James

Tradução de Arthur de Bulhões⁵⁴ e Eustáquio José⁵⁵

Poucas vezes na história do pensamento ocidental, um pensador exerceu tanta influência sobre uma cultura de pensadores quanto William James (1842-1910). Tendo sido um dos fundadores do pragmatismo nos Estados Unidos, foi responsável por contribuições nas áreas de medicina, psicologia e filosofia, tendo se destacado de forma decisiva na então recém explorada área da psicologia com estudos sobre as experiências religiosas, a emoção e com a sua famosa noção de *fluxo de consciência* (*stream of consciousness*), que seria posteriormente desenvolvido no campo literário a partir de autores consagrados como James Joyce.

Além do já citado início da psicologia como área independente de estudo, William James também vivia a atmosfera do pensamento idealista desembarcado na América nos anos a partir do qual passou a frequentar o Clube Metafísico, ao lado de Charles Sanders Peirce. Momento este no qual fundaria oficialmente os alicerces do Pragmatismo, nascido como uma ferramenta peculiar e “útil” para que James desenvolvesse suas investigações. No texto por nós apresentado (*How two minds can know one thing*), publicado já em sua maturidade (1905), veremos como a “ferramenta pragmatista” auxilia James em sua compreensão das questões exploradas, o que justifica sua presença numa homenagem merecida a este insigne escritor na ocasião do centenário de sua morte e visando a popularização de suas obras que, a nosso ver, podem ainda ser de grande valia para que possamos propor respostas a algumas questões que nos sejam ainda importantes na prática.

Um dos postulados básicos da psicologia de James é aquilo que ele chama de *movimento da consciência*. A consciência está em constante movimento e jamais há nela intervalos nos quais possamos ver um período de inatividade ou de menor atividade. “A consciência está em constante mudança.” Esta parece ser uma afirmação a partir da qual nosso autor trabalha suas teses e de onde partiremos para poder compreender melhor as partes principais do texto aqui traduzido.

⁵⁴ Aluno de mestrado do PPG Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

⁵⁵ Aluno de mestrado do PPG Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A este movimento constante da consciência James chamou *fluxo de consciência*, descrito das seguintes palavras de nosso autor:

O primeiro e mais importante fato concreto que cada um afirmará pertencer a sua experiência interior é o fato de que a consciência, de algum modo, flui. ‘Estados mentais’ sucedem-se uns aos outros nela. Se pudéssemos dizer ‘pensa-se’ do mesmo modo que ‘chove’ ou ‘venta’, estaríamos afirmando o fato de maneira mais simples e com o mínimo de presunção. Como não podemos, devemos simplesmente dizer que o pensamento flui. (JAMES, *The stream of consciousness*, 1892)

Vale ainda ressaltar que a psicologia de James parte, neste texto, do questionamento sobre como duas mentes poderiam conhecer ou ter acesso – ou, ainda de forma mais fiel ao texto de James, como duas mentes poderiam ter acesso a mesma experiência -, isto é, conhecer a mesma coisa. Sabendo de antemão que toda e qualquer consciência não pode ser de outra forma senão ‘em constante fluxo’, e que toda mente, ou pensamento, é desde sempre ‘meu pensamento’, ‘minha mente’ ou ‘seu pensamento’, ‘sua mente’, poderemos mergulhar de forma mais acurada no que James buscou ao trazer este clássico problema do conhecimento da filosofia para o campo da psicologia. Abordagem essa que ganha enorme relevância, dado que o ato de conhecer sempre foi um dos focos da filosofia e da investigação moderna acerca do entendimento humano com ênfase em figuras como Descartes, Spinoza, Locke, Hume e Kant.

Nossa consciência está em constante movimento e se remete a experiências a todo o tempo e de forma caótica. Esta afirmação pode ser mais bem explicada elucidando-se e clarificando-se, mais uma vez, detalhes de suas partes, entendidas por James como experiências. O termo *experiência pura* nosso autor define como “nosso contato com objetos, coisas” a partir da percepção destes objetos. Um exemplo comum (que aparece no texto traduzido do qual falaremos mais tarde) é o de ‘uma caneta’ que preserva suas características físicas ao ser um objeto entre outros possíveis de serem percebidos, mas também ganha um estado mental na medida em que temos a condição de percebê-la e, com isso, remeter-lhe outras experiências (o poder escrever, ser um objeto que carrega tinta, que pode estar em minha bolsa, etc.). O movimento, no fluxo de consciência, no qual ganhamos ‘novas experiências’ é sempre retrospectivo para com outras experiências escolhidas, por nós, para entrar em relação com esta experiência e a partir da qual poderemos ganhar esta experiência para nosso fluxo de consciência. Essa é a tese concebida como a ‘minha tese’ de James e a partir da qual nosso autor tenta explicar a aquisição de experiências puras por parte de nosso fluxo e de como adquirimos, com isso, algum conhecimento.

A maneira como isto se dá numa mente qualquer parece explicado de antemão. Entretanto, somos levados a uma questão ainda mais complexa: “Como Duas mentes podem conhecer a mesma coisa” (*How two minds can know one thing*) passa a ser a pergunta que nos traz ao texto por nós apresentado.

O ensaio é dividido em quatro partes cada uma consistindo em investigar uma parte do percurso para a resposta ao título do texto. Ainda na introdução, James reafirma o que seria ‘experiência’ como um fato no mundo físico. Embora tracemos uma diferença entre a nossa experiência consciente - nosso ato de experienciar as coisas, que não pode ser um fato no mundo físico - e aquilo que é fruto de nossa experiência do que é justamente o fato físico, não há porque haver maiores confusões no tema visto que é nítida a forma com que James distingue o que é experienciado do que experencia.

O exemplo da caneta surge para facilitar a compreensão dessa diferença: uma caneta no mundo físico possui funções estáveis como escrever, marcar um texto, entre outras, mas enquanto objeto da percepção de uma consciência, em constante fluxo, ou de uma mente, esta caneta ganha acesso a um grupo de outras experiências e se move como um objeto aos olhos, objeto este que chama atenção e, com isso, uma mesma caneta parece passível de ser conhecida por mais de uma ‘mente’ em tempos diferentes, em momentos distintos.

Mas há ainda objeções a esta teoria da experiência como a de que objeto físico ou psíquico algum poderia estar sujeito a duas relações simultaneamente, isto é, o que quer que seja o objeto físico, este não pode, sem cair em contradição, ser porção de duas diferentes mentes pelas mesmas razões. Tal tese sustenta que eu não poderia conceber uma caneta de uma maneira diferente à de outra mente justamente porque a caneta, enquanto um objeto físico passível de ser psiquicamente percebido por mim, não se prestaria a esta divisão. Na verdade, projeta-se uma característica lógica de contradição sobre um aspecto ontológico de existência do objeto, da *experiência pura*, que pode ser o dito objeto desde que perceptível pela ‘nossa mente’.

Nosso autor defende, contudo, que em nosso mundo físico objetos podem figurar em inúmeros processos de uma só vez. As coisas físicas seriam sim supostas permanentes e estáveis, mas os *fenômenos da consciência* (onde estes objetos adentram um *fluxo de consciência*) são um estado. Aqui, James faz menção a uma tese cara a Berkeley: *esse é sentiri*; isto é, ‘ser é ser sentido’. Aquilo que dá realidade a um objeto no mundo físico para uma consciência é a sua percepção (segundo Berkeley) ou a sua sensação (segundo James). É apenas pelo fato de que ‘sentir’ está, de

alguma forma, impresso em nosso fluxo de consciência, que temos a possibilidade de dizer estarmos tratando de relações em dois espaços diferentes.

A partir de agora, nos ateremos à forma como uma experiência de fato pode figurar em duas mentes distintas.

Num fluxo de consciência em constante movimento as novas experiências sempre advêm e sempre se relacionam com a unidade suposta, ou seja, com a unidade pura (uma caneta, por exemplo). O que compõe cada uma dessas ‘novas experiências’ são aqueles pensamentos fugidios, passageiros que nos acometem de forma constante e dentro dos quais englobamos retrospectivamente a nova experiência, tomando-a como parte do fluxo. Uma caneta se insere dentro de uma série de outros objetos e é, neste fluxo, incorporada por um fluxo de consciência, passando a ser percebida, a partir daí, enquanto pertencente a uma rede relacional com outras experiências.

A consequência deste processo é que os objetos neste fluxo têm realidade mental, são fatos mentais e não fatos físicos e que esta percepção passageira que abre a possibilidade das relações com uma experiência pura é a mesma que torna possível este ‘incorporar’ da coisa a uma mente em atividade perene.

O processo operacional se dá em passos subseqüentes:

I – A nova experiência desenvolve-se no passado (a ação é retrospectiva; uma caneta que ‘foi’).

II – Um grupo de sensações, que James chama de ‘acaloradas’, o são pelo contato com a experiência (pela atenção, olhar, interesse, etc.).

III- Essas sensações descritas acima são o núcleo do que William James chama de ‘eu’ (self, ‘I’).

IV- O que venha a ser associado a essas sensações torna este algo associado “meu”. Um ato de “apropriação”, parte importante da continuação do texto.

Mas agora como uma experiência pura originalmente pode entrar em uma, e depois, em duas consciências? Esta pergunta nos dirige para a continuidade da tese de James: a postulação de uma experiência subseqüente que fosse colateral e contemporânea a uma primeira experiência no qual um ato similar de apropriação deveria ocorrer. E um ato de apropriação corresponde ao ponto IV acima enquanto forma de tornar ‘meu’ o que quer que esteja associado a minhas sensações. Esses atos não interfeririam na condição do objeto (segundo o exemplo de James, na caneta) que se manteria da mesma forma sem alterações, ‘dormindo sossegada’. Cada ato se poderia conhecer como a ‘minha

percepção' e, assim, ser consciente e adentrar a 'minha consciência'. Este classificar consistira em tomá-la (a caneta) num grupo ou outro de associados.

A suposição de James para passar de uma 'consciência que é minha' para uma que 'é sua' é a de uma experiência suplementar, na qual a duração fosse longa o suficiente para que o objeto estivesse presente nas duas consciências. Este experimento hipotético poderia prover tal apropriação sem apelar para uma representação fixa ou ainda para uma comunicação mística de mentes. Fazemos espontaneamente o que James chamou de escopo da 'teoria representativa da cognição' tendo esta uma duplicidade original: de um lado temos uma coisa física, por exemplo, a caneta e de outro aquela caneta que "vejo em minha mente". Conforme aludido acima, essa duplicidade nada tem a ver com as objeções postas porque existem termos não contraditórios logicamente, mas ontologicamente distintos, fazendo com que a dificuldade esteja em se perceber estes pontos. As relações acima descritas se dão porque há, em primeiro lugar, a natureza física e depois uma vida pessoal, mental.

James diz que a experiência da caneta em sua imediatez original não possui 'consciência de si'. Ela simplesmente *é*; e só ganha este favor (o de possuir consciência de si) quando uma segunda experiência é requisitada. Só assim pode haver uma 'consciência' ocorrendo.

A dificuldade ontológica se deve ao caos para que se entenda o fluxo constante da consciência. A consciência em sentido contínuo e ininterrupto de funcionamento não nos permite arrumar as coisas a ponto de perceber pontos nos quais poderíamos identificar o começo e o fim de uma experiência qualquer. O tempo passa a ser algo desprovido de uma natureza essencial neste fluxo, bem como na maneira e direção que possa vir a tomar. É como se passássemos todo o tempo por uma confusa e escura estrada na qual a velocidade constante com que as coisas acontecem não nos deixa escolhas a não ser tentar dividir as coisas o máximo possível sem perder o equilíbrio e o controle da situação.

Na parte final do ensaio, James chama atenção para o fato de que a aquisição de qualidades conscientes por parte da experiência depende do contexto no qual esta se insere. Aqui, James menciona aquilo que chamou, em seu tempo, de *Identitätsphilosophie* (Filosofia da Identidade) de origem pós-kantiana, para a qual as coisas passaram a ser contextualizadas de maneira símile à que sustentava e passaram a fazer referência a uma atividade de tornar as coisas animadas, que James aplicou ao trabalho da consciência. Esta *beseelung*, ou atividade de animar, contribuiria, na consciência em fluxo, para que as experiências ganhassem contexto e adentrassem, enfim, na consciência. Em suma, pensamentos seriam 'coisas contextuais'.

Portanto, conforme o exposto acima, somente enquanto uma experiência pura é apropriada por uma função retrospectiva/apropriativa é que se ganha acesso ao fluxo de consciência. Este fato percorre o seguinte caminho:

Experiência pura - Ação da função retrospectiva/apropriativa - Entrada permitida no fluxo da consciência.

Após esta breve incursão sobre o texto e algumas questões da psicologia de James e de seus pontos de contato com o nascente pragmatismo, trouxemos uma nova expectativa sobre uma questão que ainda pode ser explorada. Nossa intenção com isto é, não somente trazer à tona textos seminais como o presente ensaio, mas também chamar atenção para este insigne pensador, que em seu centenário de morte, além de uma homenagem, merece ser mais bem conhecido e melhor estudado.

Para esta tradução, utilizamos a edição da Library of America, que compila toda a obra de William James procurando a maior fidelidade possível à precisão terminológica e ao estilo do autor. Dessa forma, pensamos preservar ao máximo a clareza do texto original, uma característica da escrita de James. Foram mantidas a mesma disposição e quantidade dos parágrafos e procuramos também respeitar o uso das aspas, itálicos e quaisquer outras formas de destacar termos chave adotadas pelo autor. Esperamos, com isso, oferecer ao leitor o contato mais próximo possível com a brilhante escrita de James e um material de boa qualidade para o conhecimento da obra de nosso autor.

Como duas mentes podem conhecer uma mesma coisa⁵⁶

Em um artigo titulado *A consciência existe?*⁵⁷, tentei mostrar que chamar ‘consciente’⁵⁸ uma experiência não significa dizer que ela é preenchida por uma modalidade peculiar do ser (ser ‘psíquico’) da mesma forma que um vitral é impregnado com a luz, mas que ela se ampara em determinadas relações com outras porções de experiência alheias. Tais porções lhe conferem um ‘contexto’ peculiar, enquanto, tomada em outro contexto de experiências, nós a classificamos como um fato no mundo físico. Uma caneta, por exemplo, é, em primeira instância, um mero *isso*, um dado, um fato, um fenômeno, um conteúdo ou qualquer outra coisa neutra ou nome ambíguo que se

⁵⁶ Publicado em 30 de março de 1905 sob o título *How two minds can know one thing*, no *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*. Preferimos traduzir o título acrescentando “mesma” para enfatizar que se trata da percepção de um mesmo objeto por duas diferentes mentes. Tal opção se justifica pelo fato título inglês trazer “one” e porque poderíamos perder a precisão caso optássemos por utilizar somente “uma”, que pode ser tanto um artigo indefinido, quanto numeral.

⁵⁷ “Does consciousness exist?”, publicado em 1º setembro de 1904, também no *Journal*.

⁵⁸ Optamos por reproduzir o mesmo procedimento adotado pelo autor para o uso das aspas e dos itálicos, encontrado na edição utilizada para esta tradução.

prefira empregar. Naquele artigo, chamei-a de “experiência pura”. Para ser classificada como uma caneta física ou como uma percepção da caneta, esta deve assumir uma *função*, e isso só pode acontecer em um mundo mais complexo. Na medida em que se apresenta nesse mundo como algo estável, que carrega tinta e marca o papel e obedece ao movimento da mão, trata-se de uma caneta física. Isto é o que entendemos por ‘físico’ em uma caneta. Já na medida em que, pelo contrário, é instável, indo e vindo com o movimento dos meus olhos, alterando com o que chamo minha imaginação, e contínua para com experiências subseqüentes do que ‘foi’⁵⁹ (de seu passado), trata-se da percepção de uma caneta em minha mente. Tais particularidades são o que entendemos por ‘consciente’ em uma caneta.

Na seção VI de outro artigo⁶⁰ tentei mostrar que o mesmo *isso*, a mesma caneta, numericamente idêntica da experiência pura, pode entrar simultaneamente em muitos contextos conscientes ou, em outras palavras, ser um objeto para muitas mentes diferentes. No texto supracitado, não tive espaço para tratar de algumas possíveis objeções; mas em um artigo subseqüente⁶¹, dediquei-me a algumas. Na parte final deste último texto, cheguei a dizer que haviam restado mais algumas objeções formidáveis a serem discutidas. Sendo assim, para fortalecer o máximo possível minha teoria da experiência pura, me proponho considerar estas objeções a partir de agora.

I

As objeções que tentei refutar anteriormente eram puramente lógicas ou dialéticas. Nenhum termo idêntico, seja físico ou psíquico, conforme foi dito, poderia ser sujeito de duas relações ao mesmo tempo. Tese esta que tentei provar infundada. As objeções com que nos deparamos agora resultam da natureza supostamente inerente especialmente a fatos psíquicos. Qualquer que seja o caso nos objetos físicos, um fato de consciência, alega-se (e de fato muito plausivelmente), não pode, sem autocontradição, ser tratado como uma porção de duas mentes diferentes, e pelas seguintes razões.

No mundo físico, assumimos impunemente que um mesmo objeto material pode figurar em um número indefinidamente grande de processos diferentes de uma só vez. Quando, por exemplo, uma folha de borracha é puxada em seus quatro cantos, uma unidade de borracha no meio da folha é

⁵⁹“(…) subseqüente experiences of its ‘having been’ (in the past tense) (...)”, no original. Preferimos utilizar o pretérito perfeito “foi”, para tornar mais clara a versão portuguesa.

⁶⁰ “O mundo enquanto experiência pura”, publicado em 13 de outubro de 1904, no mesmo periódico.

⁶¹ ‘A coisa e suas relações’, publicado no mesmo número do presente artigo.

afetada por todos quatro puxões. Ela *transmite* cada um, como se puxasse a si mesma de quatro diferentes maneiras a uma só vez. Assim, uma partícula de ar ou uma partícula de éter ‘compõe’ as diferentes direções de movimento nela impressas sem obliterar suas várias individualidades. Isso as distingue, pelo contrário, em tantos ‘receptores’ (ouvidos, olhos ou outros) quanto podem ser ‘ajustados’ àquele efeito. O aparente paradoxo de uma distinção como esta sobrevivendo no meio da composição é algo o qual, imagino, a análise feita por físicos, a essa altura, esclareceu suficientemente.

Mas se, na força destas analogias, alguém perguntasse: “Por que, se duas ou mais linhas podem ser traçadas por um e mesmo ponto geométrico, ou se dois ou mais processos de atividade podem ocorrer sobre uma e mesma coisa física de maneira que ela simultaneamente desempenha um papel em cada e em todo processo, dois ou mais fluxos de consciência pessoal não podem incluir uma e mesma unidade da experiência tal que ela seria simultaneamente uma parte da experiência de todas as diferentes mentes?” Alguém poderia pensar em certa peculiaridade pela qual fenômenos de consciência diferem de coisas físicas.

Enquanto as coisas físicas, nomeadamente, devem ser permanentes e possuir seus estados, um fato de consciência existe, mas uma única vez e *é* um estado. Seu *esse* é *sentiri*⁶²; é apenas na medida em que é sentido; e é inequivocamente exatamente o *que* é sentido. A hipótese aqui considerada, entretanto, o obrigaria a ser sentido de maneira equívoca, sentido agora como parte de minha mente e, novamente, ao mesmo tempo *não* como parte da minha mente, mas da sua (pois a minha mente *não* é a sua). Isto pareceria impossível sem dobrá-la em duas coisas distintas, ou, em outras palavras, sem reverter à comum filosofia dualista das mentes isoladas, cada uma conhecendo seu objeto representativamente como uma terceira coisa, - e isso seria abandonar o esquema da experiência pura de uma vez.

Podemos ver, então, qualquer forma na qual uma unidade da experiência pura pode entrar e figurar em dois diferentes fluxos de consciência sem transformar-se em duas unidades que, na nossa hipótese, não devem ser?

II

Há uma maneira; e o primeiro passo nessa direção é ver mais precisamente como a unidade entra em apenas um dos fluxos de consciência. O que, de ser ‘puro’, seu tornar-se ‘consciente’ *uma vez* significa?

⁶² Aqui, James faz uma menção à filosofia imaterialista de Berkeley no *Tratado sobre os princípios do conhecimento humano*, segundo a qual ‘ser é ser percebido’.

Significa, em primeiro lugar, que novas experiências sobrevieram; e, segundo, que elas sustentaram uma relação atribuível à suposta unidade. Continue, se lhe convier, a falar da unidade pura como ‘a caneta’. Na medida em que os sucessores da caneta nada fazem além de repetir a caneta ou, sendo diferente dela, são ‘energicamente’ relacionados a ela, ela e eles formarão um grupo de coisas físicas existentes de maneira estável. Na medida em que, entretanto, seus sucessores diferem dela em outra maneira bem determinada, a caneta figurará em seu contexto, não como um físico, mas como um fato mental. Tornar-se-á uma passageira ‘percepção’, *minha* percepção da caneta. O que seria agora aquela decisiva forma bem determinada?

No capítulo sobre ‘O eu’, em meus *Princípios de Psicologia*, expliquei a identidade contínua de cada consciência pessoal como um nome para o fato prático de que novas experiências⁶³ que olham para as passadas as acham ‘acaloradas’, e cumprimentam e se apropriam delas como ‘minhas’. Estas operações significam, quando analisadas empiricamente, muitas coisas tolerantemente definidas, como segue:

1. A nova experiência tem tempo passado para seu ‘conteúdo’, e naquele tempo a caneta ‘foi’
2. Aquele ‘calor’ era também sobre a caneta, no sentido de um grupo de sensações (‘interesse’ despertado, ‘atenção’ dirigida, ‘olhos’ empregados, etc.) que estavam estreitamente conectadas com ela e que agora recorrem e sempre recorrem com uma vivacidade ininterrupta, embora da caneta de agora, a qual pode ser apenas uma imagem, toda aquela vivacidade pode ter desaparecido
3. Que aqueles sentimentos são o núcleo do ‘eu’
4. Que qualquer coisa que tenha sido uma vez associada com elas foi, ao menos por aquele momento, ‘minha’ – meu instrumento se associado com sensações manuais, minha ‘percepção’ apenas, se apenas sensações visuais e sentimentos de atenção estavam envolvidos

A caneta, percebida nesta forma retrospectiva como minha percepção, assim figura como um fato da vida ‘consciente’. Mas só é assim na medida em que a ‘apropriação’ ocorreu; e a apropriação é *parte do conteúdo de uma experiência posterior* totalmente adicional à caneta originalmente ‘pura’. *Aquela* caneta, virtualmente tanto objetiva quanto subjetiva, é em seu próprio momento verdadeiramente e intrinsecamente nada. Deve ser olhada retrospectivamente e *usada*, para ser

⁶³ Eu as chamo de ‘pensamentos fugidios’.

classificada em alguma forma distintiva. Mas seu uso, assim chamado, está nas mãos de outra experiência, enquanto *ela* se mantém, por toda a operação, passiva e imutável.

Se este passo se constitui uma consideração inteligível de como uma experiência originalmente pura pode entrar em uma consciência, a próxima questão é como ela pode de maneira concebível entrar em duas.

III

Obviamente, nenhuma espécie nova de condição teria de ser fornecida. Tudo quanto deveríamos ter de postular seria uma segunda experiência subsequente, colateral e simultânea à primeira, na qual semelhante ato de apropriação deveria ocorrer. Os dois atos não interfeririam um no outro, nem na caneta originalmente pura. Ela repousaria despreocupada em seu próprio passado, independentemente de quantos sucessores cumpriram seus vários atos de apropriação. Cada um a conheceria [a caneta] como ‘minha’ percepção e a classificaria como um fato ‘consciente’.

Não é também necessário que tal maneira de classificar interfira minimamente na sua classificação da caneta como algo físico, ao mesmo tempo. Uma vez que a classificação em ambos os casos depende de tomá-la [a caneta] em um grupo de associados ou outro, se a experiência substitutiva foi de ‘alcance’ amplo o bastante, poderia pensar a caneta em nos dois grupos simultaneamente e ainda assim distingui-los. Ver-se-ia então toda a situação conforme o que chamamos ‘teoria representativa da cognição’, e que é isso que todos fazemos espontaneamente. Enquanto homem filosofando ‘popularmente’, creio que aquilo com que me vejo escrevendo é duplo – penso em suas relações com a natureza física, e também em suas relações com minha vida pessoal; vejo que está em minha mente, mas que é também uma caneta física.

O paradoxo da mesma experiência figurando em duas consciências parece, assim, não conter paradoxo algum. Ser ‘consciente’ não significa simplesmente ser, mas ser relatado, conhecido, ter consciência do ser adicionado àquele ser; e é exatamente o que corre quando a experiência de apropriação sobrevém. A experiência da caneta em sua imediatez original não possui consciência de si, ela simplesmente *é*, e a segunda experiência é exigida para que o que chamamos consciência de algo possa ocorrer⁶⁴. A dificuldade de se entender o que ocorre aqui não é, portanto, uma dificuldade lógica: não há contradição envolvida. Trata-se, todavia, de uma dificuldade ontológica. As experiências vêm em uma escala enorme e, se as tomarmos todas juntas, vêm em um caos de relações incomensuráveis que não nos é possível ordenar. Temos de abstrair diferentes grupos delas,

⁶⁴ Shadworh Hodgson deu grande ênfase ao fato de que o mínimo de consciência requer duas sensações, das quais a secunda é retrospectiva para com a primeira. (Ver a seção “Analysis of Minima” em seu “Philosophy of Reflection”, I, 248; ver também o capítulo intitulado “The Moment of Experience” de seu “Metaphysic of Experience”, vol.I). “Vivemos para frente, entendemos para trás” é uma frase de Kierkegaard citada por Höffding.

e manipulá-las separadamente se estamos a falar de todas elas completamente. No entanto, a maneira pela qual as experiências nunca *fazem-se a si mesmas*, ou *por que* seus caracteres e relações são assim como aparecem, não temos como entender. Garantindo, entretanto, que, por bem ou por mal, elas *podem* fazer-se a si mesmas, e podem aparecer nas sucessões que descrevi tão esquematicamente, temos de confessar que mesmo embora (como comecei citando o adversário) ‘um sentimento seja apenas na medida em que é ‘sentido’, não há ainda nada absurdo na noção de que é sentido de duas diferentes maneiras de uma só vez, como a sua, nomeadamente, e como a minha. Ela é, de fato, ‘minha’ apenas porquanto sentida como minha, e ‘sua’ apenas conforme sentida como sua. Não é sentida *por si mesma*, mas apenas quando ‘apropriada’ pelas nossas duas várias experiências de rememoração, assim como um bem indivisível é apropriado por vários herdeiros.

IV

Uma palavra, agora, antes de concluir, acerca dos corolários das visões estabelecidas. Uma vez que a aquisição da qualidade consciente em parte de uma experiência depende de um contexto, segue-se que a soma da totalidade das experiências, não tendo contexto, não pode estritamente, de forma alguma, ser chamado consciente. Tratar-se-ia de um *isso*, um Absoluto, uma experiência ‘pura’ de uma escala enorme, indiferenciada e indiferenciável em pensamento e coisa. Os idealistas pós-kantianos sempre tiveram conhecimento disso chamando sua doutrina de uma *Identitätphilosophie*⁶⁵. A questão do *Beseelung*⁶⁶ do Todo das coisas não deveria, então, ser questionado. A questão de sua *verdade* não deveria ser mais questionada, pois a verdade é uma relação dentro da soma total, obtendo-a entre pensamentos e alguma coisa mais, e pensamentos, como vimos, podem ser apenas coisas contextuais. A esse respeito, as experiências puras de nossa filosofia são, em si mesmas consideradas, tantos pequenos absolutos, a filosofia da experiência pura como apenas uma *Identitätsphilosophie* mais pulverizada.

Enquanto isso, uma experiência pura pode ser postulada com qualquer contingente de alcance ou campo. Se exerce a função retrospectiva e de apropriação de qualquer outra porção da experiência, esta entra, assim, em seu próprio fluxo de consciência. Nesta operação, intervalos de

⁶⁵ Filosofia da identidade. Ver a passagem do comentário à presente tradução que trata deste ponto.

⁶⁶ Preferi manter a palavra alemã “beseelung”, uma vez que James não utilizou a inglesa “animation”. “Animation” tem um caráter passivo, fica-se animado em virtude de algo, enquanto “beseelung” é uma atividade de animar, possuindo um tom mais ativo. Isso justifica a nossa opção em manter “beseelung” ao invés de usar “animação”, que se aproxima muito mais de “animation” do que da intenção de James ao utilizar “beseelung”.

tempo não fazem qualquer diferença essencial. Após dormir, minha retrospectiva é tão perfeita quanto o é entre dois momentos sucessivos de vigília. Da mesma forma que se, milhões de anos mais tarde, uma experiência similarmente retrospectiva deve de qualquer forma nascer, meu pensamento presente formaria uma porção genuína de sua vida consciente de longo alcance. ‘Forma uma porção’, digo, mas não no sentido de que duas coisas poderiam ser entitativamente ou substancialmente uma – elas não podem, pois são fatos numericamente discretos – mas apenas no sentido que as *funções* do meu pensamento presente, seu conhecimento, sua proposta, seu conteúdo e ‘consciência’, em suma, sendo herdados, continuariam praticamente inalterados. Especulações como a de Fechner, de uma Terra-alma, de alcances mais amplos de consciência englobando outros mais estreitos por todo o cosmos, são, portanto, filosoficamente plausíveis, dado que distinguem o ponto de vista funcional do entitativo, e não tratam a consciência menor em discussão como uma espécie de base material da qual as mais amplas *consistem*.

The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods

30 de março de 1905

Bibliografia

JAMES, Williams. *How two minds can know one thing* in Writings 1902-1910. The Library of America, New York, 1987.

Recebido em 15/11/2010

Aprovado em 28/11/10